Editoras enveredam por histórias em quadrinhos para narrar eventos históricos, como Canudos e o Brasil Colonial. Autores ganham liberdade para dar toques de ficção

FELLIPE TORRES
fellipetorres.pe@dabr.com.br

EDITORA ABRIL/DIVULGACAO



DEVIR/DIVULGACAO



EDITORA NEMO/DIVULGAÇÃO



Um aulão no gibi

Há 145 anos, era publicada a primeira história em quadrinhos brasileira. Veiculada no jornal *Vida Fluminense,* a tirinha *As aventuras de Nhô-Quim* contava a saga de um caipira de 20 anos durante visita à corte no Rio de Janeiro. De lá para cá, as HQs se popularizaram vertiginosamente, mas não sem enfrentar desafios. Religiosos já tacharam os quadrinhos de "imorais" e "desnacionalizantes", enquanto educadores por muito tempo rejeitaram os gibis por considerá-los espécie de entretenimento sem compromisso ou subliteratura para crianças.

Um dos pioneiros na defesa das HQs foi o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, por enxergar nelas uma "ponte para a literatura", na década de 1940. Hoje em dia, esse ponto de vista é compartilhado pelo Ministério da Educação – que incentiva o uso de HQs em sala de aula – e por professores. Os quadrinhos têm potencial de incentivo à leitura e são uma poderosa ferramenta para contar episódios da história do Brasil e da civilização.

"A presença dos quadrinhos entre nós tem papel importantíssimo. Na década de 1930, revistas como *Tico-tico* e *Noite ilustrada* já traziam tiras com temas históricos, inclusive sobre o cangaço", diz o historiador Frederico Pernambucano de Mello. Da mesma forma pensa Leonardo Dantas Silva, que considera as HQs muito competentes em contar eventos históricos como Canudos, a Batalha do Riachuelo, a Guerra do Paraguai. "A primeira vez que li sobre a vida de Napoleão foi em uma história em quadrinhos. Sobre a biografia de José Bonifácio também. As HQs podem e devem ser incluídas nas escolas como uma maneira de despertar o futuro leitor e aproximar os alunos de fatos históricos", comenta o historiador.

Esse potencial encontra forte reflexo no mercado editorial, onde os títulos com viés histórico ganham cada vez mais espaço. Para atender a esse nicho, a editora Nemo lançou a coleção *História & Quadrinhos*, cujas HQs são de natureza paradidática. "Elas têm um elemento de criação artística para os autores e de identificação para os jovens leitores. Há muito tempo, penso nas HQs como um veículo perfeito para narrar episódios históricos, sem incorrer no simples didatismo chato", diz o editor da Nemo, Wellington Srbek, também historiador e doutor em Educação.

Outros livros e documentos são pesquisados para criar os enredos

O primeiro título da coleção é *A luta contra Canudos* (64 páginas, R$ 42), de Daniel Esteves e com ilustrações de Jozz e Akira Sanoki, que remonta o conflito entre o exército brasileiro e integrantes do movimento comandado pelo líder Antônio Conselheiro, entre 1896 e 1897, no interior da Bahia. Para o autor, a criação da HQ foi desafiadora e prazerosa.

A identificação do roteirista com a história, porém, teve limites bem claros. Como nem sempre é possível simpatizar com tudo o que os personagens históricos fizeram ou pensaram, Daniel sentiu-se impedido de enveredar por caminhos que gostaria caso fosse o criador da história. "O principal desafio para mim está aí. Nesse limiar onde está o perigo em dar certas vozes anacrônicas aos personagens e à sua época".

Formado em história, o autor da HQ passou três meses pesquisando o episódio. A maior referência foi *Os sertões,* de Euclides da Cunha, mas outros documentos históricos e publicações foram levados em conta, como o relato de um soldado que lutou na segunda e terceira campanhas. "Além, lógico, dos manuscritos de Antônio Conselheiro, que foram a base para boa parte das falas do personagem na HQ", diz Daniel Esteves.

Para o editor Wellington Srbek, a fidelidade aos episódios históricos é imprescindível, mas, ao mesmo tempo, por se tratar de HQs feitas para agradar os leitores, elas têm um componente ficcional, na dramaticidade. "São HQs gostosas de ler, sem deixar de serem baseadas em ampla pesquisa", finaliza.

Livro *Os 300 de Esparta* inspirou dois filmes em Hollywood. *O ultimo dia no Vietnã*, foi criado por Will Eisner, que trabalhou em acampamentos militares. *O Peregrino - A luta contra Canudos* mostra um dos episódios mais dramáticos da história brasileira

+ linhadotempo

EDITORA ABRIL/DIVULGAÇÃO



1895

Surgimento das HQs nos Estados Unidos, com o personagem Yellow Kid, criado por Richard Outcault.

1869

Primeira HQ brasileira, criada pelo italiano Angelo Agostini (1843-1910), *As aventuras de Nhô-Quim* trata de um caipira de 20 anos em visita à corte.

1905

É criada a primeira publicação brasileira voltada para os quadrinhos, a revista *Tico-tico,* idealizada por Renato de Castro e Manuel Bonfin.

1912

Primeiro herói das HQs foi Tarzan, criado por Edgar Rice. As ilustrações passaram a ser veiculadas em tiras dominicais a partir de 1929.

1933

Jerry Siegel e Joe Schuster criam o primeiro super-herói, o Super Homem, que iria aparecer na revista Action Comics em 1938.

O avesso do avesso

A "infidelidade" aos episódios históricos também encontra séquito de leitores, talvez menos preocupados com o aprendizado e mais interessados em uma leitura descompromissada. É o caso do pernambucano Rodrigo Acioli Peixoto, autor de *A morte e a morte de Frei Caneca: Filhos de Marte – Tomo I* (Livrinho de Papel Finíssimo, 156 páginas, R$ 30). Justamente por ser formado em história, o quadrinista buscou "se livrar" das amarras acadêmicas ao investir na ficção para contar a trajetória do expoente da Revolução Pernambucana.

Para ele, a HQ guarda semelhanças com romances históricos, com os quais o autor tem um outro compromisso, uma outra ética. "Existe uma verdade literária, no lugar da verdade histórica. Escrever balão de pensamento para um personagem é considerado 'crime' para um historiador, mas tive que cometê-lo várias vezes", brinca Rodrigo Peixoto.

Um dos cuidados tomados em relação à "infidelidade histórica" foi situar o leitor, logo no começo do livro, sobre a natureza da HQ, um misto entre ficção e realidade. "Está tudo está muito embasado. Tivemos o cuidado de incluir várias notas de rodapé e citações, que podem ser lidas ou não. O livro tem caráter mais adulto. Não é voltado para as primeiras leituras, nem é biografia. É como se fosse um jogo com o leitor. Ou ele partilha desse jogo, ou lê a HQ como uma 'historinha'".

LIVRINHO DE PAPEL FINISSIMO/DIVULGAÇÃO



A morte e a morte de Frei Caneca: *Filhos de Marte*

Rodrigo Acioli Peixoto se dedica a um outro projeto, chamado *História da infâmia – O Carapuceiro,* onde conta a vida do Padre Carapuceiro (1791- 1852). "Assim como na primeira história em quadrinhos, vamos associar literatura e história, transformar uma crônica desse personagem histórico em um conto". Deve ficar pronta no segundo semestre.

"As histórias em quadrinhos são arma valiosa. Demandam, apenas, um certo controle, como tudo na vida"

Frederico Pernambucano de Mello, historiador

CECILIA DE SA PEREIRA/DP/D.A PRESS

